

## INVESTIMENTOS

# Mercado revê apostas após semestre de reviravoltas geopolíticas

PUBLICADO 30/06/2026 - 23:35 | ATUALIZADO HÁ 2 DIAS

Publicado por: Nilson Braz

**KEY POINTS**

- O economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, diz que a meta dos 200 mil pontos ainda está no horizonte caso o cenário se mantenha estável.
- “Quando a gente olha para investimentos, o que ficou muito claro é que investidores globais passaram a reduzir o financiamento de investimentos de risco”, disse o especialista.
- A leitura é de que caso a taxa de juro nos Estados Unidos suba em setembro, o real pode perder valor, se desvalorizar frente ao dólar.

JORNAL  
TIMES BRASIL  
EXCLUSIVO CNBC

**BOLSA SOBE E DÓLAR CAI NO 1º SEMESTRE**  
OS DESTAQUES DESTA TERÇA-FEIRA NO MERCADO FINANCEIRO

Cerco da Casa Branca à I.A abre espaço para a China reduzir distância dos EUA

Dólar	5.16	-0.23%	Euro	5.91	0.01%	Petróleo	73.37	-0.73%
-------	------	--------	------	------	-------	----------	-------	--------

30 JUN | 18:57

■ LIVE

A economia brasileira fecha o primeiro semestre de 2026 sob o signo da reviravolta, com o mercado revendo drasticamente as expectativas traçadas no início do ano após os conflitos geopolíticos deflagrados em 28 de fevereiro. Em entrevista exclusiva ao **Times Brasil – Licenciado Exclusivo CNBC**, o **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**, faz uma leitura que do período e das perspectivas que devem guiar investidores e empresas no segundo semestre.

Até o final de fevereiro, o horizonte para os investimentos no Brasil era claramente favorável: o mercado projetava um Ibovespa rompendo os 200 mil pontos já em março, com o dólar cotado próximo de R\$ 4,90. Esse cenário mudou de forma abrupta após a eclosão dos conflitos internacionais.

*“Houve a questão da inflação, os juros que prevíamos nesse final de ano, mais próximo de 13, agora tá mais próximo de 14. Mudou bastante o cenário. Quando a gente olha para investimentos, o que ficou muito claro é que investidores globais passaram a reduzir o financiamento de investimentos de risco, principalmente em países emergentes”,* afirmou o economista.

O Ibovespa permaneceu por semanas abaixo dos 170 mil pontos, o real perdeu valor e os juros futuros dispararam. Para **Agostini**, esse movimento reflete a incerteza generalizada sobre os desdobramentos do conflito na política monetária global.

O economista-chefe da **Austin Rating**, afirma que a atividade econômica resiste, mas mercado de trabalho aquecido preocupa o Banco Central. Apesar da volatilidade nos mercados financeiros, os fundamentos da economia real seguem surpreendendo positivamente.

*“Vimos um número ainda muito positivo de crescimento econômico do PIB. A taxa de desemprego é uma das menores da história do Brasil. Ainda que houve desaceleração do ritmo de atividade no mercado de trabalho, continua ainda ter uma geração positiva de emprego”,* disse o **Agostini**, creditando o impulsionamento à política de expansão fiscal do governo.

O cenário-base aponta para valorização moderada das ações brasileiras ao longo do semestre, mesmo com a valorização registrada em março parecendo distante, o economista afirma que a meta dos 200 mil pontos permanece no horizonte, condicionada à manutenção do ambiente atual e à continuidade da trajetória de queda de juros no Brasil — uma combinação que, se sustentada, pode oferecer uma alavancagem mais consistente aos ativos de renda variável do país.

**Agostini** reforça que o período que se inicia agora traz desafios adicionais relevantes: além da inflação e dos juros, a questão fiscal e o calendário eleitoral devem dominar as atenções do mercado. “Esse é um grande ponto importante,

porque é como nós vamos avaliar e os investidores também, qual será a perspectiva pro próximo presidente em termos de apresentar propostas para tirar o país dessa situação fiscal”, afirmou.

Fechando a análise, o economista-chefe afirma que o dólar encerrou o semestre com queda de quase 6% frente ao real, resultado que perde sustentação diante da saída expressiva de investidores estrangeiros registrada em maio e junho. A projeção para o segundo semestre é de possível reversão dessa tendência.

*“A perspectiva daqui para frente é que caso a taxa de juro nos Estados Unidos suba em setembro, no Brasil, o real pode perder valor, ou seja, se desvalorizar frente ao dólar, justamente porque há uma continuidade de saída de fluxo desse capital para o exterior, principalmente para títulos do tesouro norte-americano”, finalizou.*